

o Libertário

LUTAMOS CONTRA
TÓDAS AS FORMAS DE
TIRANIA, DE EXPLORAÇÃO
E DE OBSCURANTISMO — E EM PROL DE
LIBERDADE E BEM-ESTAR
PARA TODOS.

EM JULHO HÁ UMA BOA PORÇÃO DE EPISÓDIOS REVOLUCIONÁRIOS CUJAS EFEMÉRIDES SE COMEMORAM NESTE MÊS. ENTRE ÊLES, A TOMADA DA BASTILHA, EM QUE O POVO FRANCÊS INICIOU UMA REVOLUÇÃO AINDA NÃO TERMINADA, PORQUE OUTRAS BASTILHAS SE CRIARAM ANULANDO O ESFORÇO HERÓICO DOS QUE PRETENDIAM ACABAR COM TODOS OS DESPOTISMOS, MAS DEIXARAM NO PRINCÍPIO DE AUTORIDADE O GERMEM DE NOVAS DITADURAS!

ALGUMA COISA DEVE ESTAR ERRADA...

As indústrias se aperfeiçoam. O artesanato é substituído por máquinas que produzem 1 milhão de objetos no mesmo espaço de tempo em que o artezão produzia 1 só. Mas cada vez há maior número de miseráveis, descalços, esfarrapados, sem possuir coisa alguma daquilo que as indústrias fabricam.

A agricultura se mecaniza, os adubos químicos tornam férteis as terras que anteriormente eram estéreis. Com isso aumenta-se enormemente a produção de alimentos. Mas queimam-se os "excedentes" e a fome dos miseráveis também aumenta.

Fazem-se leis sociais para proporcionar aos trabalhadores salários mínimos, férias remuneradas, 8 horas de trabalho, estabilidade no emprego, indenização por despedida injusta, aposentadoria por velhice, assistência médica etc. No entanto os trabalhadores continuam a receber salários de fome, alguns, para sobreviver têm que sacrificar o descanso, trabalhando de 10 a 15 horas por dia, a maioria não consegue viver o suficiente para se aposentar, os filhos crescem sem poder instruir-se, as viúvas ficam ao desamparo e a tuberculose, doença da miséria, faz cada vez maior número de vítimas.

Fazem-se inúmeras campanhas contra o desperdício e cada vez mais aqueles que têm de sobra desperdiçam e malbaratam o que falta aos miseráveis.

A ciência progride, realizam-se invenções maravilhosas e descobertas estardalosas, mas em vez de serem aplicadas para o bem da humanidade, são aplicadas para a sua destruição mais rápida, ou para a sua adegenerescência física, moral e mental. Exemplos: O álcool, o fumo e modernamente a fissão do átomo que está envenenando a terra e tornando-a inhabitável.

Alguns idealistas dizem que a culpa disso tudo é das más instituições político-sociais. Como, porém,

NOTÍCIA AUSPICIOSA PARA OS LIBERTÁRIOS

Chegou ao Brasil, fugindo ao terror salazarista, uma filha do nosso companheiro Roberto das Neves, que se encontrava asilada na Embaixada do Brasil desde 1960.

"ASILADA PORTUGUESA CHEGOU AO BRASIL

RIO, 10 (FOLHA) — Chegou hoje a esta capital, a bordo do navio "Amazonas", a sra. Primavera Acrata das Neves, primeira asilada que se encontrava na Embaixada brasileira, em Lisboa, desde a revolta de Beja contra o regime do primeiro-ministro Oliveira Salazar, ocorrida em 1960. Para conseguir a retirada da sra. Primavera das Neves da sede da missão diplomática em Portugal, o embaixador Negrão de Lima invocou precisar a asilada tratar da saúde de uma filha de três anos, no Brasil, e que também estava abrigada na Embaixada brasileira. Os outros 14 asilados na Embaixada do Brasil continuam aguardando que o governo português lhes conceda autorização para embarcar para o nosso país.

A sra. Primavera das Neves é filha do escritor português Roberto das Neves, também asilado no Brasil, e esposa do capitão do Estado-Maior do Exército português Manuel Pedroso Marques, um dos principais dirigentes do levante de Beja. "Folha de São Paulo" — 11-6-63.

A TOMADA DA BASTILHA

A 14 de julho de 1789, o povo francês, com a tomada da Bastilha, a velha fortaleza símbolo do poder, do despotismo e da realeza, fez o primeiro gesto decisivo da revolução.

Foram as massas populares, as multidões de obreiros e artesãos saldos dos Faubourgs e congregando-se em torno da Bastilha, seguindo a verde escarapela improvisada por Camilo Desmoulins, que deram o assalto, desafiando os canhões e saltando os fossos de água que rodeavam a Bastilha. Depois de horas e furiosos ataques, nos quais os cadáveres dos assaltantes, rechaçados pelos defensores da fortaleza, iam caindo nos fossos, a multidão por fim conseguiu arrombar as portas da prisão e invadir (Conclui na 2.ª pág.)

as instituições político-sociais são obra do homem, parece mais lógico supor que a culpa seja do próprio homem que quando não tem nas mãos o poder político-econômico não sabe ou não quer usar o poder da solidariedade, não sabe que "a união faz a força" e quando possui o poder político-econômico se torna ainda mais personalista e emprega esse poder em detrimento daqueles que o não possuem.

Haverá algum remédio para a estupidez e o egoísmo humano?

D. C.

ASPÉTO SOCIAL DO ESPERANTO

Poucas coisas terão pôsto de acôrdo gente de idéias tão disparas, como o Esperanto. Adotado como língua universal por instituições dos mais diversos credos religiosos e das mais opostas ideologias políticas e sociais, tem encontrado estrênuos simpatizantes e defensores em setores das mais variadas tendências e opiniões. Estadistas, como Mazarick e Jorge V; anarquistas, como os sábios Pedro Kropotkine e Eliseu Reclus e como Tólstoi, Berthelot, José Oiticica e Neno Vasco; e escritores como Romain Rolland, Upton Sinclair, Barbusse e tantos, tantos outros, têm-lhe dado o calor de sua adesão.

Língua embora de todos e para todos, língua neutra e alheia à concepções nacionais, políticas, sociais e religiosas, o Esperanto é, não obstan-

te, com dobrada razão e principalmente, o idioma-instrumento dos que acalentam sonhos de fraternidade ecumênica, dos que abraçam, num amplexo espiritual de amor e paz, os povos todos do mundo. É também o idioma adotivo das classes menos instruídas de todos os países, às quais o Esperanto, pela simplicidade da sua arquitetura, em contraste com a complexidade das línguas naturais, cuja aprendizagem é incompatível com os afazeres e o grau de cultura clássica do operariado, oferece a rara possibilidade de se libertarem das fronteiras linguísticas. Por isso e ainda que cultivado por gente de todas as camadas econômicas, é entre as classes laboriosas que o Esperanto recruta o maior contingente dos seus partidários.

Ao Esperanto, idioma com todos os requisitos filológicos de língua viva, exequível e acessível a gente de todas as nacionalidades e culturas, está reservado um grande papel na civilização, como fator de aproximação e confraternização dos povos, mais eficaz do que todas as diplomacias.

A primeira condição para que dois seres se amem é que se compreendam. Pois bem, o Esperanto despeça as fronteiras linguísticas e espirituais, que totem os povos de entender-se e de confraternizar e dilata os horizontes do mundo. "Para uma Humanidade, uma língua!" — era a divisa do abade Shlefer, o autor do Volapük. O Esperanto é e será essa língua.

Perante as ruínas da Torre de Babel e a anulação do terrível anátema lançado por Jeová aos pobres visionários que um dia sonharam escalar, por meio dela, o Céu, a nós, anarquistas, o Esperanto, permitinos-á exclamar, como Diógenes:

— "Sou cidadão do Universo!"

ROBERTO DAS NEVES

As Relações da Família Na Sociedade Anarquista

SOUZA PASSOS

Si para os anarquistas a família não pode ser conceituada nos moldes da moral religiosa, com o aspéto patriarcal em que se inspirou o Direito Romano e na forma autoritária em que a conservam os costumes até a nossa época, também não devemos situá-la na exagerada concepção daqueles que, mal orientados, quando, levados pela sua extremada afeição à liberdade, descambam para o terreno do comunismo sexual.

De tal forma pretenderam fazer a crítica dos preconceitos burgueses, que caíram num exagero incompatível com a pureza do ideal anarquista, rebaixando o conceito de amor livre ao nível da libertinagem.

O que os anarquistas entendem por amor livre é liberdade de amar e a livre escolha de cada um dos elementos do sexo oposto, quando a atração sexual se manifesta, e ambos reúnem, um para o outro, as condições necessárias à formação de um novo lar, que deve desfrutar as prerrogativas sociais do bem estar e felicidade assegurada pela comunidade livre à qual pertencem.

Não é, nem pode ser, no sentido libertino do vocábulo que se deve entender o amor livre preconizado pelos anarquistas. É, ao contrário, no sentido de uma reivindicação sublime dos sentimentos amorosos, da libertação dos sexos de todos os preconceitos tolos e retrogradados em que se acorrentam os problemas da procreação e dos prazeres sexuais, como complementos que são da natureza e em relação ao estado de raciocínio e compreensão já atingidos pelos seres humanos. Mas os detratores do anarquismo, especialmente os defensores da moral religiosa, teimam em apresentar o amor livre como a forma mais depravada das condições humanas em suas relações sexuais.

Não há nada mais inexato do que essa maneira de compreender o uso do conceito de liberdade. Em nenhum meio-ambiente há tanta possibilidade para que a família possa afirmar-se com a pureza de sentimentos e de elevação moral que a responsabilidade do ato lhes impõe, como no sistema de convivência preconizado pelos anarquistas. E isso porque terão desaparecido todas as causas determinantes da depravação dos costumes que se observam na sociedade capitalista. A liberdade na escolha do companheiro para a constituição do próprio lar, a garantia de todas as satisfações econômicas e a ausência absoluta do medo de enfrentar a vida; a não intervenção de elementos estranhos na vida particular e afetiva dos casais que se constituem atendendo a fatores psicológicos e emotivos da atração sexual; a não existência de quaisquer cadeias que impeçam a separação no caso de incompatibilidade, não deixarão margem à continuação da mentira conjugal que se observa na sociedade burguesa.

O sentido de posse que a moral do casamento dá ao homem sobre a mulher contraria a livre manifestação dos sexos e impede que o ato sexual seja concebido naturalmente, isto é, pela livre escolha de dois seres que se sentem atraídos um para o outro pelo impulso de sentimentos que os identificam na ação reflexa do namoro.

Nem sempre as uniões pelo casamento se processam na ordem natural dessa atração, em consequência da intervenção de fatores ligados à estrutura

da organização capitalista e aos preconceitos sociais que lhes são inerentes. Como resultado desse desequilíbrio, vêm as desavenças entre casais e as tragédias conjugais provocadas pelo ciúme.

O arrefecimento das manifestações de carinho; a indiferença de um dos conjuges, ou mesmo dos dois, quando ao cabo de certo tempo de convivência começam a notar a diminuição das atenções mútuas, são muitas vezes atribuídas a uma suposta infidelidade conjugal, quando as causas deveriam ser procuradas na falta de atração sexual que torna os dois presas de uma incompatibilidade não compreendida.

E todos sabem como se transforma a vida em um inferno de alusões indiretas e atos que determinam uma tensão nervosa que chega a ser insustentável.

Os anarquistas pretendem criar um ambiente de respeito às inclinações amorosas, de forma que ao se unirem quando desejarem formar a própria família, os indivíduos possam escolher-se livremente de acôrdo com os sentimentos mútuos de suas afeições e amar-se livremente sem a interferência dos fatores negativos que hoje predominam em tais casos: dinheiro, moral, preconceitos, posição social, autoridade paterna, etc.

Entendemos que os problemas sexuais devem ser tratados com a objetividade que merece pela importância que têm nos fundamentos da organização do socialismo anarquista.

Creem os anarquistas que a educação sexual deve ser um dos pontos de referência em todas as escolas, de acôrdo com o grau de educação a que se destinam, ao contrário do que hoje sucede, em que muitos jovens de ambos os sexos chegam à puberdade sem nada conhecerem dos problemas que vão influir totalmente na formação da personalidade pelo caráter psíquico das suas manifestações.

Muitas desordens sexuais seriam evitadas si a educação sexual não fivesse o caráter proibitivo que tem na sociedade capitalista e si os problemas ligados ao sexo não fossem contidos no âmbito das interpretações do "pecado" da moral religiosa.

Ocorre-nos o fato muito comum de certas mocinhas e rapazes adolescentes, que encontram no ambiente em que vivem restrições ao espírito de curiosidade que os assalta na época da puberdade, lerem e examinarem livros e figuras eróticas às escondidas, e incentivados por essas leituras, se entregarem à prática de atos considerados prejudiciais a sua formação moral e social.

Não havendo nos sentimentos amorosos a interferência externa, do meio ou da família, o processo de assimilação das idéias em comum segue o seu curso normal até a completa identificação dos desejos e à satisfação integral dos mesmos.

A continuação de uma convivência baseada na maior soma de satisfações desperta nos indivíduos um novo sentimento, de caráter efetivo, que se generaliza por todas as formas de ação e se transforma na amizade.

Este novo sentimento é já produto da confiança mútua, da mútua compreensão que se estabelece entre o homem e a mulher no cumprimento dos deveres que a cada um correspondem para dar à convivência uma forma definitiva.

A PALAVRA LIBERTÁRIO

Afirmam que o pai desta palavra, que constitui um neologismo, foi Sebastian Faure (anarquista francês que nasceu a 5 de janeiro de 1858 e faleceu a 14 de julho de 1942). Nos começos do século ocorreram determinados fatos nos quais se haviam envolvido alguns que se diziam anarquistas. Devido a isso, a propaganda ácrata sofreu forte reação por parte das autoridades, até ao ponto de ser totalmente impossível levá-la adiante.

Foi então que surgiu Sebastian Faure, empregando outro qualificativo, isto é, libertário em vez de anarquista. Entretanto, não há diferença alguma entre libertário e anarquista.

Libertário é o partidário da liberdade em toda a sua amplitude e sob todas as formas e aplicações. Anarquista é o que repudia toda a classe de autoridade, em todas as suas expressões, graus e leis, por ser a autoridade inimiga da liberdade.

Não é possível diferenciar um conceito do outro. Atualmente existem teóricos que pretendem intentá-lo, mas chocam-se com a lógica, com a história e com a própria natureza.

Para o libertário, a primeira e a última unidade é o indivíduo. Para o anarquista é também sobre o indivíduo que se concentram todas as atenções humanas. O libertário rechaça toda a opressão; o anarquista não admite nenhuma coação.

O anarquista, além de combater a autoridade, nega-se a exercê-la; o libertário reclama para si e para os demais a independência e liberdade de atuação. Ambas atitudes se confundem com o fato de que cada uma delas adquire idêntica responsabilidade.

MUNDO ANARQUISTA

SEQUESTRO DO VICE-CONSUL FRANQUISTA DE MILÃO E SUAS CAUSAS

As agências noticiosas do mundo voltaram a informar que o estudante de química Jorge Cemill Valls, de 23 anos, membro das Juventudes Libertárias fora condenado à morte por um tribunal em Barcelona, após julgamento sumário. O fato em si, como muitos outros idênticos nos regimes totalitários, parecia estar fadado ao esquecimento e à indiferença. Porém o desaparecimento do diplomata Isu Elias, de origem búlgara, cidadão milanês e vice-consul franquista em Milão, Itália, mudaria totalmente o rumo dos acontecimentos.

OS FATOS

O grupo organizador da façanha era integrado por quatro estudantes italianos: Luigi Gerli, de 21 anos, filho de um alto funcionário, aluno em Filosofia e Letras; Vittorio de Tassis, de 22 anos, filho do presidente da Câmara de Comércio de Trento, estudante que a polícia assinalou como de aguda inteligência; Amadeo Bertolo, de 21 anos, filho de família abastada, aluno de agronomia; o Gianfranco Pedren, também estudante de agronomia. Os quatro jovens, pertencentes ao movimento anarquista, crispavam os punhos de indignações quando leram em "Le Monde", chegado de Paris, a notícia da condenação à morte de Jorge Cemill.

Resolveram que se devia fazer algo a favor do estudante catalão pelos meios clássicos: denunciar aos jornais de esquerda o crime; entrevistar-se com políticos das esquerdas para que mobilizassem a opinião popular; dirigir-se às instituições capazes de simpatizar-se com a causa anarquista etc.

As gestões foram totalmente inúteis. A fria indiferença ante o brutal assassinato era total, os acontecimentos nacionais, o caso de Cuba e Berlim tinham prioridade.

Era portanto necessário idealizar algo de novo e forte que comovesse a opinião pública nacional e internacional.

O RAPTO DO VICE-CONSUL ESPANHOL

A operação foi esboçada da seguinte maneira: um chamado telefônico, que afirmava ser do vice-prefeito de Milão, senhor Meda, convidava a Isu Elias, vice-consul espanhol, para almoçar num restaurante de Milão, e assinalava que passaria de automóvel no consulado para conduzi-lo, entre meio-dia e 13 horas. Posteriormente, novo telefonema, como se fora o sr. Meda, afirmando que tinha uns assuntos urgentes para despachar e que em vez de ir pessoalmente a encontrá-lo enviaria um empregado para que se encontrasse às 13 horas no restaurante.

Deste modo, o automóvel dirigido por Alberto Toniolo, que se juntaria do grupo inicial, no qual se achavam os jovens Tassis e Pedren, se dirigiu às 12,30 para o consulado franquista, e na recepção disseram que vinham da parte do sr. Meda recolher o vice-consul Isu Elias, que embarcou sem ter a mais leve suspeita da trama.

Durante a viagem foi o vice-consul informado do que se tratava e, segundo suas declarações posteriores, aquela fora a parte mais angustiada da aventura, porque o automóvel ia a alta velocidade e temia-se um desastre. Foi informado que seria solto dentro de quatro dias; que não sofreria violência física e que aquilo era feito para salvar um amigo espanhol condenado à morte.

Quando o automóvel chegou a Val Ganna, lugar onde existia uma casa, Isu Elias respirou e passou a não ter mais medo.

Efetuada o rapto, os jovens libertários se mobilizaram a fim de que a imprensa tomasse conhecimento do fato; não sem previamente fazer chegar até a família do vice-consul a

TOMADA DA BASTILHA

(Conclusão da 1.ª pag.)

dila como se fosse uma torrente indomável e impossível de deter.

Muitos desgraçados, afundados em negros calabouços havia mais de vinte anos, viam novamente a luz do sol. O povo, possuído da santa indignação e simbolizando na Bastilha o seu ódio ao despotismo, não se deteve enquanto a não derrubou.

Com a Bastilha, abalaram-se profundamente a monarquia francesa e os alicerces morais e políticos do feudalismo. Um novo conceito do Direito e da Justiça se inaugurou, partindo desse gesto decisivo a ação e o pensamento social e político modernos.

seguinte nota: "Estou bem. Peço que fiquem tranqüilos".

Uma das mensagens enviadas à imprensa dizia: "Muitas vezes a justiça dos ditadores poderam assassinar patriotas sem que o mundo soubesse de coisa alguma. Chegou a hora em que os verdadeiros amigos da liberdade e inclusive aqueles que fingem ignorar tais coisas tomem consciência dos fatos. Três jovens, em Espanha, foram condenados, com antiguetes judiciais, porque na Espanha de Franco é delito amar a liberdade e lutar por ela."

Imediatamente a imprensa italiana, assim como as agências internacionais, demonstraram o maior interesse pelo assunto, com marcada simpatia pelos jovens libertários. No Rio de Janeiro a notícia foi veiculada pelo "O GLOBO" em extensa reportagem de Dante Paglia, com o título de "Estranha Indulgência".

80 horas durou a odisséia de vice-consul, uma vez que os jornalistas do periódico ABC lograram descobrir seu paradeiro.

Provocado o impacto emocional, os estudantes foram gradativamente se entregando à polícia, com excesso de Amadeo Bertolo, que fugiu para a França, não por medo, mas pela necessidade de que alguém em liberdade pudesse fazer frente as tergiversações interessadas que seguramente se iriam apresentar com a pretensão de tumultuar os fatos.

Desde o momento em que o público demonstrou sua manifesta simpatia a favor dos jovens estudantes, surgiram os oportunistas apoiando a campanha a favor de Jorge Cemill, os mesmos que se mostraram indiferentes aos apelos iniciais.

O JULGAMENTO

Apesar de encontrar-se ante um sentimento do público totalmente favorável e plena simpatia, os jovens libertários sabiam que iriam enfrentar uma justiça fria que poderia aplicar plenamente o artigo 605 do Código Penal que diz: "Quem prive alguém de sua liberdade pessoal será castigado com reclusão de 6 meses a 8 anos de prisão". Ao todo 12 advogados ficaram encarregados da defesa dos acusados. Os testemunhos citados atingiram a 18 pessoas.

O primeiro testemunho citado é um nobre italiano, príncipe Felipe de Castagneto, e paradoxalmente seu testemunho é utilizado pela defesa a favor dos anarquistas. O segundo testemunho foi o abade Glasberg, membro da Conferência Européia Ocidental para anistia dos presos políticos, e que pronunciou terrível libelo contra o regime carcerário franquista.

Entretanto, o testemunho que mais fortemente iria pesar na balança da defesa, seria o do doutor Antonio Carasel, ex-professor de Direito da Universidade de Zaragoza. O relato foi ouvido em extremo silêncio e as condições do direito penal franquista foram comparadas à dade medieval,

CONTRA A GUERRA

Paz, Sim; Guerra, Jamais!

Dizem que a força maior domina a menor, e não contestamos. É um fato. Um povo é feliz quando vive em paz. Queremos dominar, possuir, tomar os direitos de outrem aproveitando-se do poderio da força e contra todos os direitos humanos. Homens cultos, com sentimentos humanos, jamais podem aderir à força para dominar os fracos. É covardia, é deslealdade, é crime atacar quem quer que seja desarmado e sem defesa.

A guerra ficou para os brutos, para os desumanos. A paz é apanágio dos sábios, dos puros, dos bons.

*A guerra é tirania, é vaidade, é crime, é morte, é horror!
A paz é luz, é bondade, é amor e felicidade!
Guerra, jamais! Quem guerreia mata, odeia, rouba e saqueia.
Glória, paz, amor, mas também vontade!*

Rodolfo Coelho Cavalcante

por fim, proferiu o advogado Dall'Ora: — Estamos aterrorizados, estamos submergidos em pleno merieiro. Carrada de razões tiveram estes jovens em temer pela vida de seu colega Cemill. Na Espanha franquista as pessoas são punidas pelo direito de opinar. Inclusive quando as pessoas decidem não tomar uma condução porque as tarifas foram aumentadas, podendo neste caso serem conduzidas frente a um tribunal militar em virtude de atentado à ordem interna do Estado. Tudo isto é a loucura!"

CONDENAÇÃO DE REGIME FRANQUISTA

Colocado no terreno jurídico, o julgamento dos jovens anarquistas se transformou num tremendo libelo contra o regime franquista. Foi posta em evidência a atividade de lesa a humanidade do regime espanhol. Ficavam implicitamente violados os artigos 3, 8 e 10 da Declaração dos Direitos do Homem, tanto pela ingerência arbitrária da justiça militar como pela atividade quase nula que se permite à defesa.

VEREDICTUM

O tribunal se reuniu durante duas horas para deliberação e proclamou a suspensão total de qualquer pena, a não inserção dos jovens em qualquer fichário judicial e a liberdade imediata de todos os detidos.

PENA COMUTADA

Em virtude de grande movimento de agitação deflagrado, o regime franquista não teve a coragem de condenar à morte Jorge Cemill e a pena foi comutada para 30 anos de prisão.

O extraordinário movimento desencadeado pelos jovens anarquistas italianos ainda não terminou. É necessário mover a opinião mundial para salvar o estudante Jorge Cemill de morte lenta nas masmorras do regime, que é uma verdadeira afronta à dignidade humana e à irresistível vocação libertária do povo espanhol.

CONVIVÊNCIA SEM AUTORIDADE

Anarquia significa SOCIEDADE ORGANIZADA SEM AUTORIDADE, entendendo-se por autoridade a faculdade de IMPOR a própria vontade e não o fato inevitável e benéfico de quem sabe fazer uma coisa e procura mais facilmente fazer aceitar a sua opinião, servindo de guia, no assunto por ele mais conhecido, aos menos capazes que ele.

Ao nosso ver, a autoridade não só é desnecessária à organização social, mas, ao contrário, vive sobre ela como parasita, impede a evolução e aproveita-se das suas vantagens em benefício especial de uma determinada classe que explora e oprime as outras. Enquanto em uma coletividade há harmonia de interesses, enquanto ninguém pretende impor-se aos outros para explorá-los e desfrutar-lhe o trabalho, não existem traços de autoridade, quando há lutas intestinas e as coletividades se dividem em vencedores e vencidos, então surge a autoridade em favor do mais forte para confirmar, perpetuar e engrandecer a sua vitória.

Acreditamos que é assim, e por isso mesmo somos anarquistas: se acreditássemos que não é possível existir a organização sem a autoridade, nós seríamos autoritários, porque seria preferível, em todo caso, a autoridade, que torna a vida insuportável à desorganização, que a torna impossível.

De resto, o que seremos pouco importa. Se fosse verdade que o maquinista, o chefe de trem ou o motorista deve pelo imperativo da necessidade ser autoridades, o público admitiria com razão a sua autoridade por achá-la preferível a ter de viajar a pé. Se o funcionário dos correios que nos entrega a correspondência não pudesse de nenhuma forma deixar de ser uma autoridade, todos nós acharíamos mais suportável a autoridade do carteiro à perspectiva de sermos obrigados nós mesmos a ir buscar as nossas cartas ao correio.

E, nesse caso... bem, nesse caso a anarquia seria um belo sonho de alguns, mas não poderia jamais realizar-se.

ERRICO MALATESTA

TRÊS ERROS DE KARL MARX

Do DR. ERICK FROMM

II

Em suma, pode afirmar-se que os objetivos últimos do socialismo marxista eram em essência os mesmos das outras escolas socialistas: emancipar o homem do domínio e da exploração por outro homem; livrá-lo do predomínio da esfera econômica; restaurá-lo como finalidade suprema da vida social, e criar uma nova unidade entre homem e homem e entre homem e a natureza. Os erros de Marx e Engels, sua subestimação dos fatores políticos e jurídicos, seu otimismo ingenuo, sua orientação contralista, foram devidos a que estavam muito mais arraigados na tradição da classe média dos séculos XVIII e XIX do que homens como Fourier, Owen, Proudhon, Kropotkine.

Os erros de Marx adquiriram importância histórica porque a concepção socialista marxista foi a que triunfou no movimento operário da Europa continental. Os sucessores de Marx e Engels no movimento operário europeu se submeteram de tal maneira à influência da autoridade de Marx, que não deram novos desenvolvimentos à teoria, e se dedicaram a repetir velhas formas de um modo, cada vez, mais estéril.

Após a primeira Guerra Mundial, o movimento operário marxista se dividiu em campos óstis. A ala social democrática, após o colapso moral ocorrido durante dita guerra, se foi convertendo cada vez mais no partido representante dos interesses puramente econômicos da classe trabalhadora, juntamente com os sindicatos, dos quais dependem por sua vez. Seguiu com a fórmula marxista da "socialização dos meios de produção" como palavras rituais que devem pronunciar os sacerdotes do partido em determinadas ocasiões. A ala comunista deu um salto de desespero, com o intento de criar uma sociedade socialista sem outra coisa que a tomada de poder e a socialização dos meios de produção: as consequências desse salto conduziram a resultados mais espantosos que a perda de fé nos partidos social democratas.

Por contraditório que pareça o desenvolvimento dessas alas do socialismo marxista, têm alguns elementos comuns. Em primeiro lugar, a desilusão e o desalento profundos no relativo às esperanças, super-otimistas inerentes à fase anterior do marxis-

mo. Na ala direita, essa desilusão conduziu, muitas vezes, a aceitar o nacionalismo e ao abandono de toda atitude autenticamente socialista, e de toda crítica a fundo da sociedade capitalista. Esta última desilusão levou a ala comunista, dirigida por Lenine, a um ato de desespero, a concentrar todos os esforços na esfera política e no puramente econômico, atitude que, por seu esquecimento da esfera social, era a contradição total da essência mesma da teoria socialista.

O outro ponto que tem em comum as duas alas do movimento marxista é seu total esquecimento (no caso da Rússia) do homem. A crítica do capitalismo se converteu em uma crítica feita estritamente desde um ponto de vista econômico. No século XIX, quando as classes trabalhadoras sofriam uma exploração desapidada e viviam por baixo do nível de uma existência digna, essa crítica estava justificada. Com o desenvolvimento do capitalismo no século XX, se foi tornando cada vez mais antiquada; porém, não é senão uma consequência lógica dessa atitude, que a burocracia stalinista russa alimenta todavia a sua população com a insensatez de que os trabalhadores nos países capitalistas estão terrivelmente empobrecidos e carecem de toda base decente de subsistência.

A concepção do socialismo decaiu cada vez mais. Na Rússia, se reduziu à fórmula de que o socialismo significa propriedade privada pelo Estado dos meios de produção. Nos países ocidentais, tendeu cada vez mais a significar salários altos para os trabalhadores, e a perder seu pathos messiânico, sua apelação aos desejos e necessidades mais profundas do homem. A acerba crítica formulada em páginas anteriores vai dirigida principalmente a acentuar a necessidade de que o socialismo democrático retorne aos aspectos humanos do problema social e se concentre ante todos eles; de que deve criticar ao capitalismo desde o ponto de vista de que o faz às qualidades humanas do homem, a sua alma e a seu espírito; de que sustente uma concepção do socialismo em termos humanos, inquirindo de que maneira contribuirá uma sociedade socialista a por fim ao alheamento do homem, a idolatria da economia e do Estado.

CENTRO DE CULTURA SOCIAL

Pela segunda vez, alunos de um ginásio de São Paulo, talvez uns cinquenta, compareceram ao Centro de Cultura Social, com o louvável intuito de conhecer e debater a doutrina anarquista.

O seu comparecimento deveu-se a que quiseram tomar contato direto com o que é realmente o anarquismo e não através de referências maldosas e deturpantes que comumente se fazem dos nossos ideais. Embora essa iniciativa não partisse pura e simplesmente dos alunos, são eles merecedores de todo o nosso aplauso por terem demonstrado sensível espírito de investigação, e, sobretudo, interesse em conhecer uma filosofia social continuamente, injuriada por adversários gratuitos e desleais.

É que o professor dessa moçada é um jovem socialista, despido de todo setarismo partidário, que procura encaminhar os seus alunos na busca incessante das verdades sociais. Desperta-lhes o gosto para a investigação sociológica e para o livre exame das coisas e dos fatos do mundo em que vivemos.

Indiscutivelmente, o estudante de hoje é o homem de amanhã; por conseguinte, tem o direito inalienável de discutir as coisas de hoje, para optar pelo sistema social que amanhã há de recebê-lo na condição de homem, de esposo e pai, com direitos e deveres, como produtor e consumidor. É intenção do citado professor fazer conhecer aos seus alunos todas as correntes políticas, sociais e filosóficas, que atualmente disputam a solução dos problemas humanos. A nosso ver, está plenamente acertado e cumpre, assim, a verdadeira missão do educador.

A primeira parte da conferência destinada a esses estudantes esteve à cargo do Dr. Ideal Peres, vindo do Rio de Janeiro a convite do Centro de Cultura Social. Durante cinquenta minutos discorreu sobre a formação moral da criança, analisando, com firmes conhecimentos, as diversas fases e idades porque passa. Fez uma profunda análise da educação da infância e suas funestas consequências quando essa educação sofre processo distorsivo e o perigo que isso representa no amadurecimento adulto de cada um.

Seguiu-se com a palavra o jornalista Edgar Leuenroth, que, com a

eloquência habitual, demonstrou, através de gráficos, a diferença flagrante entre a estrutura federalista da sociedade anarquista, e o centralismo inoperante e falido do Estado capitalista ou comunista.

Com vivo interesse os alunos acompanharam a exposição de ambos os oradores, anotando trechos que depois, nos debates, serviram como arguição.

Como ponto final dessa bela notada acadêmica que o Centro de Cultura Social viveu, falou o professor Oswald, idealizador desse encontro. Dirigiu-se aos seus alunos encorajando-os a continuarem na pesquisa das idéias sociais, como complemento indispensável à formação da personalidade humana.

Para completar o nosso contentamento, tivemos oportunidade de rever, depois de quase trinta anos, uma amiga professora que, noutros tempos, partilhava dos nossos ideais.

São noites inolvidáveis que se deveriam repetir.

Pedro Catalão
Secretário Geral

A PROPRIEDADE PRIVADA É UMA VIOLAÇÃO DA LEI NATURAL

Ninguém, por certo, poderá negar que desde que o mundo é mundo, os homens tenham nascido iguais, economicamente falando, pois todos sabem e diariamente observamos que não há quem traga consigo do útero materno uma propriedade qualquer que não seja simplesmente física. E aqui tornou-se oportuno transcrever as palavras textuais de Bartolomeu Glaroli:

"Se a natureza houvesse disposto que os agentes de produção fossem de propriedade privada, individual, teria munido a cada indivíduo, como o munido de braços e de pernas, o teria munido — digo — de um campo, uma vinha, um boi, uma enxada. Mas a natureza não nos carregou de tão incômodo peso, e deixou todas essas coisas em comum. Por isso, tornar os campos e as oficinas propriedade privada é uma violação aberta da lei natural."



C A L E I D O S C Ó P I O

Pois é, sr. Gustavo Corção, também eu vi, recentemente, uma foto, quem sabe se a mesma, do encontro dos dois ditadores que infelicitam a península ibérica, "... envelhecidos — como mui acertadamente o sr. diz — no ofício de asfixiar o povo"; mas não me parecem tão envelhecidos quanto seria de se desejar. "Graças a Deus — pensário deles, porque são católicos — ainda estamos bem conservados". Sim, pobre Portugal e pobre Espanha e, até aqui, estamos de acordo. Mas o sr. diz que há Espanha e Espanha, uma prisioneira, a de Franco, e outra livre, a democrática de Salvador de Madariaga. E eu lhe digo que há Espanha, Espanha e Espanha. A Espanha escravizada por Franco, a Espanha da meia liberdade de Salvador de Madariaga e a Espanha inteiramente livre dos libertários que na Revolução Espanhola derramaram o seu generoso sangue por ela e dos que ficaram para um dia a libertarem.

A Espanha do tirano Franco é a Espanha medieval da Opus Dei, que ainda sonha em implantar, quando não em todo o mundo, pelo menos na península ibérica, um fascismo teocrático. É a Espanha da Igreja Católica Apostólica Romana, da qual o sr. é um fervoroso correligionário. E então?...

Parece-me que o sr. G. Corção até hoje está enfezado pelo fato de o último cosmonauta russo haver dito, quando deu a volta à terra, que tinha examinado bem o universo e que não tinha encontrado Deus. Acha que a expressão do cosmonauta é estúpida e presunçosa, conforme naquela altura teve a oportunidade de demonstrar com argumentos materialistas. E concluindo o seu pensamento, afirma que "se a questão é de examinar visualmente o universo, cumpre observar que o cosmonauta russo exagerou um pouco confundindo o respeitável Universo com a volúmbia mínima que sua aeronave deu em torno do planeta". E prosseguindo, o sr. Corção aponta que diferente da do russo foi a atitude do astronauta norte-americano, Gordon Cooper, ao ler, depois de realizada a sua façanha, a prece que rezara no espaço, agradecendo a Deus por lhe haver dado a oportunidade de estar naquele lugar "vendo todas as belas coisas que vós criastes".

Não fosse o receio de ser desprimoroso, eu diria que as desprimorosas palavras do sr. Corção dirigidas ao cosmonauta russo tiveram o efeito de rícochete.

Note-se, antes de mais nada, e conforme se depreende das próprias palavras do sr. Corção, que o cosmonauta russo — cujo nome, neste momento, não me vem à memória e que o sr. Corção, não sei se por desprezo ou por também não se lembrar, não menciona — afirmou, não que tinha examinado bem todo o universo, mas, — e isso é mais do que evidente — a parte do universo que ele percorreu. E se não viu Deus é claro que não viria dizer que o viu. De resto, ele estava respondendo a uma pergunta que lhe foi dirigida pelos jornalistas. Onde está, portanto, a estupidéz e a presunção? É a afirmação de que o cosmonauta russo confundiu o universo com a volta que deu ao nosso planeta, patenteia, quando não a falta de um pouco de bom-senso, uma requintada má-fé.

Realmente a atitude de Cooper foi diferente: ele rezou e, como qualquer vulgar beata, fez exibicionismo da prece. Viu todas as belas coisas que Deus criou, o que equivale a dizer que viu todo o universo. Viu todo o universo e não viu Deus. Também ele não viu Deus. Onde está Deus? Talvez atrás da cortina de ferro do infinito.

E já agora, para terminar este caleidoscópio, prosseguirei na análise

FALECEU TOMÁS BORGE

Vítima de enfermidade cardíaca, faleceu no Uruguai, em outubro de 1962, o companheiro Tomás Borge, que em sua juventude estivera no Norte do Brasil, e teve destacada atuação sindical na organização dos profissionais do volante.

Embora nos últimos tempos se tivesse afastado das atividades sindicais, Tomás Borge continuava defendendo os princípios libertários e se achava integrado na luta, pois em qualquer lugar que estivesse era um polemista de valor e expositor das idéias de grande significação.

Como acontece em idênticos casos com as doenças cardíacas, devido ao imprevisto de seu desenlace, muitos companheiros deixaram de ter conhecimento de sua morte, o que não obistou a concorrência de uma grande parte de boas amizades.

do artigo do sr. Gustavo Corção, que tem por título: "Contrastes". A certa altura da última parte do seu trabalho, escreve:

"Ontem, tentando mostrar a uma pessoa inclinada para as esquerdas que a tal Reforma Agrária da demagogia, do PTB, do Caruso e do Arantes, sem falar no Brizola que ultimamente anda menos fogoso, explicava eu que a nossa produção agrícola era uma das mais baixas do mundo, e não comportaria a sobrecarga de mais uma tolce ou de uma impostura. Se baixasse teríamos a Fome. Quando eu disse isso a pessoa inclinada para a esquerda teve um sorriso e respondeu-me com muita finura:

— O sr. quer dizer que a fome chegará até a nossa classe, porque fome já temos no Nordeste e em toda a parte".

Tanto o sr. Corção como o seu interlocutor disseram a verdade e, entretanto e de certo modo, não estão de acordo. O pior, porém, pelo visto, é que para a solução do problema econômico no Brasil, o homem da tendência esquerdista, ingenuamente crente na propalada Reforma Agrária, ao passo que o sr. Corção acha que é melhor, ou menos pior, deixar como está para ver como fica. O sr. Corção embatucou com a inteligente resposta do seu interlocutor: mas depois veio pela imprensa para dizer-nos, em seguida ao que acima já foi transcrito, o seguinte: "Eu cheguei em casa acabrunhado por ter descoberto a existência real, palpante, física, biológica, de pessoas que não conseguem entender que a Fome da "nossa classe" é ainda pior para os humildes, pois não terão médicos, engenheiros, etc., para os tirar do buraco, e afundarão mais depressa; e que conseguem, mediante um jogo complexo de sentimentos bizarros, quase desejar, ou desejar mesmo, que a Fome chegue à classe média, para assim atingirmos uma espécie de igualdade e de justiça. Aham eles, mediante tal dialética, que mais fome é melhor do que menos. É, aliás, com argumento semelhante que os inimigos da propriedade querem anarquizar completamente o regime de posse de terras, primeiro num lance hiperliberal num lance estatal para remediar os inconvenientes daquela comprovada utopia".

A meu ver, as considerações do sr. Corção, além de sofísticas e omissas, revelam uma certa dose de egoísmo. Pois, se há humildes que, pelo fato de o serem, vivem no buraco do qual os médicos e os engenheiros podem tirá-los, por que é que até agora não o fizeram? Por que não poderam? Por que não quiseram? Resta, portanto, se quisermos dar importância a tal argumento, a esperança de que, se os médicos e os engenheiros também caírem no buraco, no esforço de dali saírem, tragam consigo, por espírito de solidariedade humana, os humildes. Mas trata-se de fome, não de fome de médicos e engenheiros e sim de alimentos. O humilde sente-se doente e se tem dinheiro para pagar a consulta do médico, muitas vezes não lhe sobra para os remédios. O médico, se for caridoso, uma vez por outra (porque ele também precisa comer) dará alguma consulta grátis. O humilde vai ao médico e este, depois de examiná-lo atentamente, diz-lhe, se ainda não estiver tuberculoso, que o seu mal é fome. O humilde volta para casa (se é que tem casa) e depois de algum tempo alguém vai ao médico buscar o atestado de óbito e o médico, se for honesto, escreverá no atestado de óbito: MORTE POR INANIÇÃO. E o humilde foi para o buraco, um buraco do qual nem mesmo o médico jamais o poderá tirar. E por inanição morre constantemente uma infinidade de seres humanos, sobretudo crianças, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. De modo que também é de nos sentimentos acabrunhados cada vez que descobrimos a existência real, palpante, física, biológica, de pessoas que não conseguem ou não querem entender que esse gravíssimo problema tem que ter uma solução e que essa solução não é possível na atual organização social.

De resto, não há, propriamente, nem pode haver inimigos da propriedade e sim dos privilégios da propriedade privada, porque esses privilégios são a causa da fome. A propriedade é a propriedade. Tudo é propriedade, até o ar que respiramos.

É claro que a solução preconizada, e que nada tem de anárquica, pelos esquerdistas a que o sr. Corção se refere, não é solução, é uma calamidade. Quanto à afirmação de que eles pretendem anarquizar para depois estatizar, é absurda. O emprego do termo anarquizar no assunto em questão, deve ser levado em conta, senão de uma calculada má-fé, de um completo desconhecimento da doutrina anarquista.

O. S.

LUTO POR DECRETO

(Conclusão da 4.ª pág.)

xima queda da ditadura em Portugal e no qual também escreveu algumas palavras desabonadoras, para os célicos no tocante às não boas relações da Igreja com as ditaduras da direita. Quando li o artigo de Casais Monteiro não pude deixar de sorrir tristemente pela sua ingenuidade. Enfim, o bispo do Porto sumiu, o papa morreu e Salazar lá está. O autor destas linhas — diga-se de passagem e entre parêntesis — não tem mau coração e até tem pena de matar os insetos que vivem a comer-lhe as plantas do jardim; não obstante sentiria um profundo alívio — para não dizer um grande prazer — no caso que, de um momento para outro, não apenas Salazar, mas todos os ditadores, da direita ou da esquerda, ostensivos ou disfarçados, em obediência "à inescrutável chamada da Providência divina", partissem para o céu, não importa porque meios.

O bispo do Porto e outros elementos da Igreja perseguidos por Salazar, estão esquecidos; entretanto, ainda hoje se explora, talvez com algum exagero, o caso do cardinal Mindszenty. E' que em Portugal os interesses da Igreja estão resguardados, o que não acontece na Hungria. Logo, também para a Igreja a instituição está acima do Homem, da dignidade Humana. Contudo, João XXIII foi uma figura simpática, não pelo fato de haver sido papa, mas pelo seu feito como homem, pela sua bonomia. De qualquer maneira, foi um papa como, nas atuais circunstâncias, convinha à Igreja. Enfim, faleceu. Faleceu, não "obedecendo à inescrutável chamada da Providência divina" — mesmo porque se é inescrutável não poderemos saber se é divina e nem mesmo se é Providência — mas em obediência às leis da natureza. O que logicamente se poderia dizer — se em religião há alguma lógica — é que a Providência divina andou mal, errou (credo, cruz), em chamar a si o papa precisamente no momento em que o mundo está "tão pobre, tão miseravelmente pobre em autênticos valores espirituais".

João XXIII faleceu e por certo, no íntimo, ninguém se alegrou com sua morte, com exceção, talvez — perdoai-me este mau pensamento — dos cardeais que, cada qual de per si, aspiram ao papado. E se ele sentisse o peso da terra, este... empedernido ateu, sinceramente desejaria que a terra lhe fosse o mais leve possível. Estas últimas palavras são especialmente dirigidas a certos plúmiferos bobocas ou manhosos que, de um modo ou de outro vivem a dizer, e não sei se pensam, que todos os ateus, pelo fato de serem ateus, são uns empedernidos.

Olvaldo Salgueiro

MUNDO DE PARADOXOS

Por ARIEL DOS SANTOS

UNIÃO SOVIÉTICA E CUBA — O mundo político da atualidade é um mosaico de contradições aberrantes e espetaculares, desafiando a mais segura lógica, por mais sutil e segura que seja, e nos leva diretamente a uma conclusão de paradoxos. Senão, vejamos:

O violentíssimo Krushev, que ameaçou despejar uma torrente de foguetes atômicos e destruir toda a humanidade se alguém mexesse com as barbas de Fidel, recuou prudentemente ante a imposição norte-americana para a retirada de foguetes e bombas atômicas, e se apressou a satisfazer as exigências de Kenedy, deixando completamente desarvorado o ditador cubano. Com isto reverteu a diplomacia ao tempo de Stalin, que afirmava que a instituição do bolchevismo, em forma perene, não era possível em nenhum país que não estivesse em comunicação direta com a URSS por via terrestre. Para o ditador Fidel Castro, a experiência deve ter sido chocante!...

ÍNDIA E CHINA DE MAO-TSE-TUNG — Tremendo impacto sofreu o povo indiano e seu guia Nehru, misto de pseudo pacifista e demagogo neutralista. Durante anos Krushev encorajou a formação do bloco de nações neutras. Em Bundung, os delegados soviéticos afirmaram que a URSS estava disposta a ajudar as nações sub-desenvolvidas, desde que mantivessem a neutralidade. Efetivamente, forneceu a Nasser as armas que os EUA lhe recusaram, assim como empréstimo para a construção da represa de Assuã. Os russos teriam feito excelentes progressos na África e Ásia se as nações européias não tivessem liquidado os restos de seu imperialismo. Com o desaparecimento do colonialismo, perderam os bolchevistas um sério motivo de propagan-

N O S S O C O R R E I O

Como vimos fazendo em todos os números, respondemos por esta seção a diversas cartas recebidas ultimamente. Fazêmo-lo desta maneira porque nem sempre dispomos de tempo para responder por carta, como seria de nosso desejo, às diversas questões que nos chegam de tôdas as partes, remetidas por companheiros e simpatizantes para os quais o nosso jornal constitui uma satisfação e uma necessidade idealística.

Reservamo-nos para responder por carta aos assuntos de maior importância, pois sentimos verdadeiro prazer em nos correspondermos com todos os amigos de "O LIBERTÁRIO".

Como sabem os nossos camaradas e simpatizantes da nossa obra, o nosso tempo é tomado pelos afazeres diários das nossas ocupações profissionais para o ganha-pão de cada dia. Os trabalhos do jornal são feitos nas horas em que deríamos estar descansando das fadigas do labor cotidiano, inteiramente gratuito, contando com a cooperação de um grupo devotado à causa da liberdade e dos problemas sociais.

Por essa razão, não estranhem os companheiros que nos escrevem de não receberem respostas às suas cartas com a necessária brevidade. Estejam, porém, certos, de que tôdas as indicações são tomadas em consideração.

SÃO PAULO - SP. - M. M. Silv. - Recebemos sua cartinha e anotamos o seu endereço para a expedição do jornal. Na sede do Centro de Cultura Social, à rua Rubino de Oliveira, 85, poderá encontrar diversos livros que lhe interessam e ler os jornais que chegam do exterior, publicados em diversas línguas, que defendem os mesmos princípios. Saudações.

SÃO PAULO - CAPITAL - Isa Ruti - Sua cartinha, e as notas de colaboração, foram recebidas com satisfação. Assim que pudermos, escreveremos. Leia a nota com que iniciamos esta seção. Segue "A Solução Anarquista Para a Questão Social".

SÃO PAULO - CAPITAL - D. Memmo - Como não dispomos de cobradores, a sua contribuição poderá ser remetida em Vale Postal, para o mesmo endereço, endereçada a Pedro Catalo - Caixa Postal, 5.739 - Nesta Capital. Saúde. BEBEDOURO - SP. M. A. Silv. - Registramos seu nome conforme sua indicação em carta, e passaremos a remeter o jornal como deseja.

SÃO PAULO - CAPITAL - H. A. Carrasco - Tomadas as providências indicadas em sua carta de 14-4-63.

RIO DE JANEIRO - GB - E. de Toledo - Recebemos a importância. O endereço confere.

RIO DE JANEIRO - GB - Angelina - Recebida sua nova contribuição. Mande notícias e colaboração. Saúde, extensiva ao Amílcar. PALMEIRAS - PARANÁ - A. Agotani - Recebida a lista das contribuições. Segue carta, Saúde a todos.

PORTO ALEGRE - RGS. - R. Fernandes - Suas cartas de 21-3-63 e 29-4-63 estão em nosso poder. Providenciamos tôdas as indicações e corrigimos a remessa do jornal conforme nos sugere. Esses precalços da luta encontram-se em tôdas as partes. E' preciso muita coragem e dedicação à causa para que as pessoas se manifestem por uma ideologia que não oferece sacrifícios, mas que, em todo caso, consideramos a única solução para os problemas humanos. O Edgard pede para que o Manoel apresse a remessa do material de exposição, pois precisa dele aqui. Segue carta com maiores detalhes. Saúde a todos os companheiros dessa cidade.

RIO GRANDE - RGS. - Carlos V - Recebida sua carta e as importâncias, sua e de J. Carvalho. Saudações.

EREBANGO - RGS - E. Ilte - Acusamos recebimento de sua nova contribuição Cr\$ 400,00. Atendido o seu pedido de aumento de exemplares. Saúde.

ADMINISTRAÇÃO DE "O LIBERTÁRIO"

Nesta seção publicamos tôdas as contribuições que nos são entregues, ou remetidas por companheiros e simpatizantes de diversas localidades. Temos dito, e o repetimos agora, que se alguma contribuição não for publicada, por qualquer motivo, deverá ser imediatamente comunicada essa falta à administração do jornal, pois assim poderão os leitores, e principalmente aqueles que contribuem para a sua publicação, saber o destino que é dado ao seu dinheiro.

Como se vê, o confronto das contas entre as contribuições recebidas e as despesas feitas exclusivamente com a confecção do jornal, pois todo o trabalho de redação, administração e expedição, é feito graciosamente por aqueles que sentem a necessidade da publicação de "O Libertário", acusa agora um pequeno "deficit".

Como sempre acontece, a nossa boa vontade e amor à causa da liberdade, farão, mais uma vez, superar essa anomalia, e o jornal continuará a ser publicado em defesa dos ideais de libertação social que esposamos e defendemos.

Mãos à obra, companheiros! Estamos empenhados em uma tarefa que não pode ser interrompida.

Contribuições recebidas até 5 de junho de 1963 - Desde o N.º de maio

Table listing contributions from various locations including São Paulo, Rio de Janeiro, and Paraná, with amounts and a final deficit calculation.



O sr. presidente da República decretou, por cinco dias, luto pela morte de João XXIII. Luto por decreto e com prazo fixo. E com tal medida — uma das tantas mentiras convencionais da civilização contemporânea — pretendeu-se levar o luto, um duvidoso luto, a todos os corações, em muitos dos quais — católicos e não católicos — ele não terá entrado nem mesmo por decreto. Naturalmente houve, de um modo geral, pena pela morte do papa, o que, aliás, poderia acontecer com qualquer pessoa, grada ou não, que estivesse para falecer e cuja agonia fosse tão amplamente divulgada — poderíamos dizer explorada — e tão dramatizada.

Além do mais, o sr. João Goulart também fez publicar, através da Agência Nacional, algumas palavras poucas, mas... lindas e comoventes palavras, acerca da obra e da morte de João XXIII. "Suas encíclicas — afirma o presidente — abriram novos caminhos e novas esperanças à união fraternal dos homens e a um mundo ainda dividido por ideologias e privilégios. E sempre com renovada emoção que recordo a audiência que nos concedeu — a mim, a minha mulher e aos meus filhos no Vaticano". Entretanto o presidente da República não se emociona com a sorte, a triste sorte em que se encontram as esposas e os filhos dos infelizes "bagrinhos" de Santos, sorte essa, criada em consequência de privilégios cedidos a determinados estímulos partidários não sei de que ideologias (e duvido de que também eles o saibam), mas "ideologias", que apoiam a demagogia da atual política da Granja do Torto.

Quanto a João XXIII, às suas virtudes e à sua obra, parece-me que raras vezes, através da História, se tem feito tanto barulho por tão pouca coisa. João XXIII, "o bom Papa, o Papa de braços abertos, do coração aberto" e de outras belas e largas aberturas... "O Papa do eterno sorriso", "o Papa da Paz", "o carismático da caridade" e por aí fora... E segundo certos panegiristas que se fazem passar por pessoas ponderadas e conspícuas, só os diabólicos ateus, e nem todos, obstinam-se em não quererem ver nas páginas das encíclicas as panaceias para a solução de todos os problemas sociais e para por aí salvo a humanidade, dentro da presente organização social. Ora, em tudo isso há uma grande dose de demagogia de fundo teológico.

João XXIII foi o papa da paz mas, não obstante toda a influência espiritual que lhe era atribuída, não conseguiu dos governantes, nem dos governantes católicos, que reduzissem os arma-

mentos. E se, por causa de Cuba, tivesse estourado uma guerra entre os EUA e a URSS, não tenhamos a menor dúvida de que o papa, inspirado pela... graça divina, teria benzido as armas transportadas para a frente ocidental, tal qual como já o fizeram os seus antecessores. E por outro lado, o chefe da Igreja Ortodoxa (como se sabe, essa Igreja é uma das tantas ramificações do cristianismo) também tocado pelo... carisma, benzeria as armas dos homens da "cidade sem Deus", isto é, da URSS e seus satélites.

João XXIII foi o "carismático da caridade"; mas não me consta que alguma vez tivesse tirado dos cofres de S. Pedro alguns centavos para atenuar a fome de muitos dos seus patriotas de algumas regiões da baixa Itália. Uma fome perpétua e endêmica, tal qual como a que corroe os nossos nordestinos, não obstante existir há muito tempo, na Itália, um governo social-democrata e cristão. Sim, já sabemos que a Igreja de Roma foi constituída para pedir e não para dar, embora, de vezes em quando, faça esmolas com um pouco do muito que recebe; mas poderia dar muito mais e ainda ficaria muito rica. Em última análise, a caridade de João XXIII não passou de uma caridade de conversa.

João XXIII, "o bom Papa", compadecia-se muito com as perseguições feitas aos prelados pelos bolchevistas; mas não fez força, durante o tempo que foi papa, para procurar impedir que Franco terminasse com a sua sede de sangue. E a julgar pelas aparências, não deu um só passo para impedir que o bispo do Porto tivesse sido perseguido e expulso de Portugal não sei para onde. Lembro-me que logo após a publicação, no "O Estado de S. Paulo", da carta do referido bispo dirigida a Salazar, admoestando-o, o escritor Adolfo Casais Monteiro publicou, na mesma folha, um artigo profetizando a próxima... (Conclui na 3ª pag.)

NOS CARCERES DE CUBA MILITANTES ANARQUISTAS SOFREM TORTURAS

Segundo a mesma tática de seus patrões de Moscou, os pseudocomunistas de Fidel Castro encarceraram, torturaram, matam e perseguem os elementos anarquistas, alguns dos quais se encontraram ao lado de Casiro na gesta revolucionária.

De "Tierra y Libertad", do México, destacamos a seguinte relação de nomes de companheiros que deram tudo pela revolução, assinando o seu apelo para que as organizações libertárias de todo mundo, as personalidades amantes da liberdade que se encontram espalhados pelas várias regiões, e os trabalhadores que ainda não perderam o amor à causa da liberdade, se movimentem e protestem contra a detenção e os maus tratos a que são submetidos aqueles companheiros.

PLACIDO MENDES — Trabalhador da empresa de Ônibus Aliados, delegado das linhas 16, 17 e 18 durante vários anos, conspirou denodadamente contra a tirania de Batista, esteve preso várias vezes sob aquele regime, sendo barbaramente torturado. Este companheiro encontra-se cumprindo pena, condenado no Reclusorio Nacional de Isla de Pinos, construído pelo ditador Machado.

ANTONIO DAGAS — Militante espanhol, membro da gloriosa Confederação Nacional do Trabalho, que vive em Cuba desde o término da guerra civil espanhola, trabalhando como empregado cinematográfico. Este encontra-se detido nos imundos calabouços da Fortaleza de La Cabana, e submetido a tratamento desumano e bestial.

LUIS MIGUEL LINSUAIN — O companheiro Linsuain se encontra preso há mais de um ano, sem que se lhe haja feito processo e sem se saber ao certo em que consiste a acusação que se lhe faz. Desde vários meses, os seus familiares não recebem notícias dele e receiam fundamentadamente por sua vida.

SANDALIO TORRES — Este companheiro, que foi condenado a 10 anos de presidio, foi submetido quatro vezes à bárbara tortura do fuzilamento simulado, com o fim de obrigá-lo a acusar outros companheiros da Comissão de Atos Contra-revolucionários. Sandalio Torres está cumprindo a pena a que foi sentenciado na Carcel Provincial Del Rio.

NORBERTO COSTA — Jovem militante de nosso movimento, membro destacado do Grupo Libertário Gastronômico de La Habana, condenado à pena de 30 anos de trabalhos forçados, que está cumprindo no Reclusorio Nacional de Isla de Pinos.

JORGE ACENA — Velho militante libertário, empregado da fábrica de cerveja "La Polar", e professor do instituto de La Vibora, que leva mais de 30 anos de lutas ininterruptas contra todos os regimes ditatoriais. Foi condenado à pena de 20 anos de presidio, que está cumprindo também no Reclusorio Nacional de Isla de Pinos.

Covo vêem os camaradas, estas são as belezas de paz e liberdade que o regime de Castro levou a Cuba, em nome do povo, da liberdade e da democracia, na mochila de uma revolução que todos julgavam sincera e verdadeira.

O LIBERTÁRIO

SÃO PAULO

JUNHO-JULHO DE 1963

ANO III — N.º 20-21

MOVIMENTO OPERÁRIO

Jornada de oito horas e outras coisas

Conheci São Paulo no ano de 1908. Nessa época ainda havia, como meio de condução, os chamados carros de praça, puxados por dois cavalos. Esse era o meio de condução para os ricos e abastados. Os pobres, os trabalhadores em geral, locomoviam-se a pé, de suas residências até o local de trabalho. O bonde elétrico era, então, o meio popular de transporte, mas o preço das passagens era caro em relação aos ganhos. Um operário profissional — e precisava ser dos mais hábeis — ganhava 5 mil réis por dia de 10 horas de serviço. Para ir e voltar do serviço, a 200 réis a passagem, gastaria 10% do ganho. E se fosse obrigado a tomar duas conduções, então via o seu ganho reduzido de 20%. Dai a necessidade de fazer-se longas caminhadas pela madrugada, e à noite, pois, geralmente, todo mundo trabalha 10 ou mais horas por dia. Como hoje, a vida era apertada para o povo, naquele tempo.

Mas o que mais nos interessa dessa época é a vida social dos paulistanos. Como se vivia intencionalmente em São Paulo!

O proletariado sempre agitado por comícios, manifestações, conferências... Tudo isso me fazia bem. Temperava meu ânimo, fortalecia minha consciência e formava o meu caráter.

O povo era envolvido pela corrente de idéias. Opinava-se, lutava-se corajosamente, com ardor e entusiasmo em defesa das próprias opiniões e princípios. Desde os primeiros anos do século, a luta proletária de caráter reivindicativo se processava num crescendo promissor. Nesse ano 1908, a classe dos operários da Construção Civil tomara a dianteira lançando-se na luta pela conquista do dia de oito horas de trabalho.

Falar em oito horas, nesse tempo, era coisa de sonhadores. Mas um puijo de audaciosos e esclarecidos militantes obreiros, animados pelo ideal social, logra arrastar a totalidade dos operários da classe à luta para a conquista desse sonho.

E essa luta pela conquista do dia de oito horas foi alcançada pelos operários da Construção Civil, pela ação direta, pela organização sindical revolucionária, orientada principalmente pelos anarquistas, mas autônoma, livre da política de qualquer partido. Poucos anos antes, houvera uma greve na Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que teve o condão, por suas proporções, magnitude e coesão, de empolgar e agitar a vida dos trabalhadores de todo Estado, de chamar a atenção dos proletários sobre os seus problemas e indicar o caminho e meios para os resolver: a ação direta sindical.

Em 1908, várias classes se encontravam organizadas em sindicatos profissionais. Esses sindicatos formavam a Federação Operária de São Paulo, com sede no Largo do Riachuelo (hoje Praça da Bandeira), num sobradão de dois andares.

A greve geral da Construção Civil prolongara-se por algum tempo, até que, por fim, saiu vitoriosa com a capitulação do maior e mais conservador dos engenheiros daquele tempo: Dr. Ramos de Azevedo.

A polícia não podia tolerar esse movimento de rebelião e de consciência proletária. Mandou invadir a sede da Federação Operária com todos os requintes de selvageria. Tudo romperam; tudo quebraram. E os destroços dos móveis, utensílios, livros, armários, coleções de jornais, quadros, cadeiras, tudo que havia foi atirado pelas janelas para o Largo, e dali removido depois para o monturo pelo Corpo de Bombeiros.

Esse gesto brutal da polícia, que não foi o primeiro nem último a se verificar em São Paulo, causou forte indignação no seio do proletariado e do povo em geral. Os jornais reverberaram, com veemência uns, com moderação outros, mas todos, unânimes, condenaram a ação da polícia em cometer esse atentado à liberdade de reunião e à propriedade privada dos trabalhadores.

Mas não foi só isso que a polícia fez. Fez coisas bem piores: desencadeou tremenda perseguição aos militantes proletários, prendendo inúmeros deles em enxovias infetadas, espancando-os e fazendo-os passar fome; negando-os à justiça quando era requerido o "habeas corpus", para melhor martirizá-los com revoltante sadismo.

Si com essas medidas coercitivas de extrema violência a polícia conseguiu, em parte, abafar, atenuar as lutas de reivindicação social, que então se manifestavam, foi, porém, impotente para sufocar as mais belas manifestações populares de solidariedade humana que teriam início justamente nessa época.

Os grevistas, privados de sua sede e do direito de reunião, recorreram às reuniões clandestinas. Os arrabaldes, hoje povoadíssimos, como Vila Maria, Freguesia do Ó, Parque São Jorge e outros, eram lugares ermos, ocupados por chacareiros nas partes baixas, e por matagais e pastagens nas partes mais altas. Pois nesses lugares, com prévio entendimento, reuniam-se centenas de grevistas para resolverem os seus problemas conforme iam surgindo no decorrer da luta. Assim, açoitados pela polícia na cidade, presos os elementos mais em evidência, a greve prosseguia. O espírito de solidariedade presidia à perseverança na luta.

E a classe dos operários em Construção Civil foi, com essa greve, a classe pioneira na conquista do dia de oito horas em São Paulo, no Brasil e quicá na América do Sul, pois somente uns dez anos depois, em 1917, é que essa conquista se generalizou.

Por esse tempo, houve também muitas greves que deram muito que falar e enriquecer as páginas das lutas proletárias de São Paulo. Uma delas foi a da Vidraria Santa Marina, na Água Branca. Si a diretoria da companhia foi intransigente e reacionária, os operários responderam à altura da situação. Nesse tempo, as garrafas e outros recipientes grosseiros de vidro que lá se fabricavam, eram fabricados à força de sopros. O operário vidreiro, de manhã à noite, junto às matérias incandescentes, tinha que encher as bochechas de ar, forçar os pulmões e soprar em canudos para modelar os objetos a serem feitos. Entre as reivindicações dos artesãos do vidro, estava uma que visava à modernização do sistema de fabrico, substituindo o sopro humano pelo ar condicionado, artificial, comprimido.

A luta foi renhida. Como sempre, a polícia pôs-se ao lado da companhia, contra os operários. Estes tinham sua sede social nas imediações da fábrica. A polícia fechou-a numa batida e prendeu inúmeros grevistas. Estes, além do protesto por meio da imprensa, resolveram, numa reunião efetuada clandestinamente, continuarem a luta até à vitória. Era então presidente da Vidraria Santa Marina o velho político e industrial, e até prefeito da Capital, conselheiro da Monarquia (vejam de onde vinha sua formação escravocrata) Antônio Prado. A greve em suas linhas gerais, saiu vitoriosa. Para elucidar sinteticamente o feito, Vololino, o então célebre e inigualável caricaturista, pintou o conselheiro espremendo a massa operária como quem a quer esfacelar, e fez... fiasco. O desenho apresentava o FIASCO com a forma de recipiente de vinho Chianti. O sucesso dessa charge foi formidável. Tanto é que foi reproduzida em boletins e distribuída ao povo.

Entre os operários que foram presos, nessa greve, figurava Edmundo Rossoni, que veio da Itália para o Brasil juntamente com outros sindicalistas, jornalistas, entre os quais Paulo Mazoldi. Rossoni impressionava as massas com sua voz de trovão. E por falar em defesa dos grevistas da Santa Marina, foi expulso do País.

Como os operários moravam em casas pertencentes à companhia, que as alugava a preços reduzidos para os seus empregados, a fim de todos ficarem próximos ao local de trabalho, esta, com o propósito de forçá-los a capitular, requereu o despejo de seus ocupantes, pelo que ficaram todos na rua, sem terem para onde ir morar com suas famílias e sem dinheiro para providenciarem novas casas onde se localizassem. Entretanto, auxiliados pelas outras classes e por pessoas que acompanhavam com interesse a sua luta, construíram-se barracas de lona, de madeira, cobertas com folhas de zinco ou tábuas, nas proximidades do local onde estavam as outras casas, visando evitar o preço de transporte para a mudança.

Alí moraram por algum tempo, resistindo assim à dura peleja entre eles e seus empregadores, e sofrendo perseguições sem conta e humilhações desumanas. Vendo que nada conseguia, pois os operários estavam decididamente dispostos a ir até o fim da vitória, a polícia e os dirigentes da Vidraria Santa Marina mandaram queimar os barracos provisórios construídos pelos operários, deixando na rua, ao desalento, centenas de famílias com crianças pequenas, mulheres doentes e grávidas, visando rendê-los pela miséria.

Estes foram os primeiros episódios da luta pela jornada de oito horas.

RODOLFO FELIPPE

"O LIBERTÁRIO"

Diretor: PEDRO CATALO

A publicação de "O Libertário" está confiada a uma comissão do jornal, sendo de sua incumbência os trabalhos de redação, administração e divulgação. Indica-se o nome do diretor por exigências de formalidades legais.

Toda correspondência (com valores, originais, indicações, etc.) deve ser endereçada EXCLUSIVAMENTE para a CAIXA POSTAL 5739 — São Paulo, em nome do diretor.

Redação e Administração: Rua Rubino de Oliveira N.º 85 São Paulo

Assinatura Anual, Cr\$ 200.00

PINGOS D'ÁGUA...

Sexta-feira "Santa". Sai pela manhã, a colher impressões: Bancas de jornais, fechadas. Casas de gêneros alimentícios, — mercearias, padarias, quitandas, fechadas. Açougueiros abertos, para os compradores de pescados... (Talvez intoxicados com as experiências atômicas...) Farmácias fechadas. Igrejas, repletas! Bares ao redor de uma igreja, — por sinal da padroeira do Brasil — abertos em profusão, para a venda do MATA-FOME alcoólico!... Contei, só no perímetro da igreja da padroeira do Brasil, mais de três. Bastante, não, para satisfazer a última jogada dos infelizes? A um jovem, muito jovem, quase

menino, que encontrei neste dia santificado à romana, perguntei: — Por que bebe assim, moço? — Por que bebo? Porque o dinheiro que tinha no bolso não dava para comer... — Mas você, assim, destrói a sua saúde... — Pois é isso mesmo que eu quero: que morra a saúde, para eu morrer com ela. No portal da igreja evocatória da padroeira, pobres maltrapilhos imploravam: — Uma esmolinha pelo amor de Deus!... O perene contraste cruel! Até quando?

Lendo "O Libertário" — fostíssimo em boa pregação libertária — lembro-me que o presente ano promete várias decisões para a solução dos problemas angustiados da humanidade padecente. Ozalá os homens atuais do Brasil consigam êxito cabal na campanha do analfabetismo, para a alfabetização em massa; — o que seria, então, a garantia plena para seguirmos pelo caminho enluarado pelas letras do alfabeto, até os portais da sociedade com acesso às riquezas em comunhão de bens para todos, entoando, vitoriosos:

"Bem unidos, façamos, Nesta luta final, De uma terra sem anos — A Internacional!"

ISA RUTI